

O-ARTISTA-NA-COVA-DOS-LEÕES*

*Grupo Contra Filé***

Resumo

Este artigo foi criado a partir do texto Daniel na Cova dos Leões que o artista plástico Daniel Lima produziu como reflexão de seu próprio processo de trabalho. Esta metáfora interessou ao Grupo Contra Filé pelo fato de apresentar o “lugar do artista” como princípio e gênese determinantes em sua própria produção e representar, por isso, a condição do artista contemporâneo que atua na fronteira entre arte e política.

A morada

Este é o campo de batalha. Acorde, e perceba que nesta luta eu só tenho você. Eles espalharam em todos os cantos, em toda parte, em todas as esquinas, de todos os lados, a minha palavra: OLHE.¹

* Este texto foi produzido a partir do trabalho e pensamentos do artista Daniel Lima. Quando um artista convida outro artista para escrever um texto crítico tem uma intenção clara: sugerir um diálogo tendo seu processo de criação como disparador. Assim, pensar o Daniel na Cova dos Leões é pensar o-artista-na-cova-dos-leões, é colocar também o nosso processo de criação em debate.

** *Contra Filé* é um grupo de arte e investigação. Formado por integrantes de diferentes áreas, desde 2000 desenvolve ações e reflexões acerca do espaço urbano e de possibilidades de intervir na vida pública. Em 2005 participou da exposição *Collective Creativity* no Kunsthalle Fridericianum Museum, Kassel/Alemanha e do projeto de intervenção *CUBO*, criado por seis grupos artísticos, com patrocínio do Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo. Em 2004 participou da mesa debatedora *Urgência* no Festival Sonar Sound, publicou o artigo *Urgência* na revista *Parachute* n. 116 e criou o projeto *Zona de Ação* junto a outros grupos artísticos com patrocínio do SESC-SP. Em 2003 participou dos projetos *ACMSTC – Arte Contemporânea no Movimento Sem Teto do Centro*, *Território de AntiEspetáculo* no SESC/Latinidades, *GearInside* no Centro de Arte Witte de With, Roterdã/Holanda, *Mídia Tática Brasil* na Casa das Rosas e escreveu o texto sobre o grupo Bijari, publicado no catálogo da *VIII Bienal de Havana*. Contra_file@yahoo.com.br

¹ Todas as citações em itálico foram retiradas do texto “Daniel na Cova dos Leões”, de autoria do artista Daniel Lima.

Saturada de tensões, a cova dos leões é a morada do artista.

Nela prepondera um movimento linear e estável que a apresenta como um lugar homogêneo e sem contradições. Movimento cuja lógica atualiza somente situações previsíveis, reproduzindo sentidos como forma de manter o controle.

O artista

Os anjos luminosos me protegem e minha fé é certa. O alvo está logo ali, embaixo, parado, esperando a ação que trará a redenção, que recuperará a integridade de todas as coisas e unirá tudo.

Em permanente estado de alerta, o artista olha para a cova dos leões e vê ali a constelação de possíveis.

Vislumbra uma clareira: a oportunidade de subverter o sentido que o sistema dominante atribui aos códigos para manter-se em movimento. Identifica os possíveis geradores de sentido e, atualizando-os, afirma sua atitude política. Inscreve-os para realizar necessidades radicais e experimentar a vida como arte.

Quando arte é substrato das atualizações não previstas pelo movimento vigente é ato político. Fazer arte é, então, produzir sentido.

O reconhecimento da urgência

O ato heróico dos catadores de restos é o estado da contemporaneidade. Transitoriedade, esse invisível que tenho a expor. Restos luminosos são o que tenho – vamos excluindo e deslocando... Tento recolocar os restos de volta à vida que é a circulação das coisas. Assim me recoloco.

Na cova dos leões repleta de contradições, o artista se sente íntegro: é na contradição que vive a experiência legítima da verdade e, com isso, a possibilidade de ruptura. Olha uma situação e a vê como imagem da sua urgência de inscrição; como ponto de divergência entre o que é e o que, para ele, teria sido.

A inscrição

Despindo-me para o encontro divino, percebo que meu corpo é único e repetido. Da contradição nasce a síntese. Re-produzir, como reflexo, do outro lado do espelho ou produzir refletindo, deste lado do espelho. A esperança de reinvenção vem quieta sem que nós percebamos.

O artista age. O domínio crítico do mundo em código é o que possibilita sua ação.

Evidencia os indícios da contradição ao realizar um fato que inscreve simbolicamente a resistência. Um grão singular portador de futuro que, por abrir uma nova constelação de possíveis, viabiliza a sua própria proliferação.

O risco

A cidade tomo para mim. A pichação é uma invenção. Supera o corpo, estendendo-se para o vazio; ocupando com ação invisível a clareira urbana. A conquista do espaço é aqui. Público é o meu anonimato e a imagem é para sempre minha.

Para o-artista-na-cova-dos-leões, o fato inscrito gera movimento quando se configura como a duração de um possível inesperadamente atualizado.

Por outro lado, é natural que o movimento dominante transforme o acontecimento portador de futuro num evento de outra ordem: uma imagem esvaziada de experiência. Portanto, perdurar o fato em evento, segundo a lógica da reprodução, é eliminar seu potencial de proliferação, o que determina a sua morte enquanto símbolo da resistência.

O alerta

A imagem é circulação.

A imagem é captação, edição e manipulação.

A imagem é uma nova construção.

*A imagem é possibilidade de metalinguagem.
A imagem revela o perverso espetáculo unilateral.
A imagem seduz a ação.
A imagem te seduz, e constrói nosso mundo de ação.
A imagem é contra-imagem.
A imagem é só imagem.
A vida é blur. Nada mais.*

O-artista-na-cova-dos-leões deve permanecer em estado de alerta, já que nesse mundo novas formas de reprodução costumam ser legitimadas como obras. Portanto, é preciso ter em mente que a finalidade e o uso que se faz dos meios é o que determina a inscrição do trabalho como resistência ou tolerância ao movimento dominante.

Sem prontidão, o artista corre o risco de inscrever a imagem do fato de modo a confirmar a lógica da reprodução, tornando-se predador de si mesmo.

A proliferação

Não importa o que foi nem como aconteceu. Importa apenas o que aqui está. Restou o meu olhar. É preciso ouvir a música que faz lembrar a mudança acontecendo a cada instante. Não tenha medo do que virá, pois na hora da nossa morte, vamos ser o que sempre desejamos ser. E mesmo assim, se algo escapar, deixe estar, porque um dia todos nós vamos ser um. Um só.

Abstract

This article was created based on the text *Daniel in the Den of Lions*, which the artist Daniel Lima has produced as a reflection about his own working process. This metaphor has interested the group Contra Filé because it proposes "the artist's place" as a determining principle and genesis in his own production. Contra Filé believes that the metaphor, thus, represents the condition of the contemporary artist acting in the border between art and politics.